

Nós, velhos de espírito jovem: risco e vigilância nos sentidos da velhice contemporânea¹

CLÁUDIA LINHARES SANZ²

MIRELLA RAMOS COSTA PESSOA³

Resumo

O artigo propõe discutir as imagens da velhice contemporânea a partir das relações entre vigilância, risco e governamentalidade. Trata-se de pensar, segundo uma perspectiva genealógica, como os atuais sentidos de ser velho estão entrelaçados ao regime de visibilidade contemporâneo. De fato, a “nova imagem da terceira idade” não é apenas matéria de anúncios de bancos, aplicativos de beleza, comerciais de seguro de saúde ou campanhas de medicamentos sexuais, para citar alguns. Na realidade, ao incorporar progressivamente os velhos no campo produtivo, o neoliberalismo faz circular imagens que servem tanto para conformar um tipo de velhice performática e empresarial quanto para ampliar seu acervo de dados informacionais. As redes atuais de vigilância se apropriam, assim, cada vez mais, também dos dados e perfis da velhice contemporânea: hábitos de alimentação, cuidados com a saúde, comportamentos de compra, práticas de poupança, rotinas de sono. Dados que alimentam circuitos informacionais, subsidiam projeções de perigos para a velhice e legitimam novos dispositivos de segurança. Mais que isso, convertidos em conhecimento, ancoram intervenções sobre indivíduos e populações e legitimam ou deslegitimam investimentos e reformas governamentais. São saberes que participam do enquadramento de certos tipos de velhice mais “adequados” às dinâmicas atuais e, assim, agem conduzindo condutas e comportamentos. Nessa rede de sentidos, os minuciosos procedimentos de vigilância – que já não se limitam exclusivamente a lugares confinados ou a populações específicas – também não se restringem à nossa atualidade. Paradoxalmente, vigiar a velhice é controlar, a partir de exames de antecipação e previsão, também riscos do porvir. Mantendo-se de pé e longe da bengala da dependência, física ou econômica, o velho contemporâneo é crescentemente solicitado – pelo menos nas narrativas hegemônicas do *marketing* – a ser independente, ativo e, sobretudo, capaz de gerenciar as perdas futuras que o tempo pode causar aos corpos e às finanças.

Palavras-chave: Vigilância, risco, velhice, visibilidade, governamentalidade

¹ Esse texto é fruto do projeto de Pesquisa “Tecnologias da imagem, subjetividade e futuridade”, desenvolvido no âmbito do PPG-FAC da Universidade de Brasília.

² Cláudia Linhares Sanz é professora da Universidade de Brasília e líder do grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade (CNPq). Pós-doutora pelo Zentrum für Literatur- und Kulturforschung (ZfL), em Berlim (2017/2018). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência, em Berlim (2008). Tem investigado e orientado trabalhos voltados para temas como Experiência contemporânea do tempo e regimes de visibilidade; Futuridade, tecnologia e risco; Imagem, tecnologia e subjetividade. claudialinharessanz@gmail.com.

³ Mirella Ramos Costa Pessoa, graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela UnB, é mestranda no PPGCOM – Universidade de Brasília, com pesquisa em desenvolvimento sobre as imagens e os sentidos da velhice na contemporaneidade. Atualmente bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), faz parte do grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade (CNPq). mihpessoa@gmail.com.

Introdução

Um conjunto extra de olhos pode ser importante em fábricas, no controle do tráfego aéreo, na medicina ou em qualquer outro campo. Também os idosos que vivem sozinhos em casa podem se beneficiar de ter alguém de olho neles.
Reportagem no site MedGaget (2019)

Envelhecimento da população da China é a maior ameaça para o seu futuro
The New York Times, Charlie Campbell (2019)

Segurança, eficácia, saúde, autonomia e sociabilidade são algumas das razões para que a velhice contemporânea – pelo menos nas classes mais favorecidas – exija procedimentos cada vez mais permanentes de vigilância. De fato, as novas tecnologias de segurança não são personagens coadjuvantes nas narrativas hegemônicas acerca de uma velhice bem-sucedida; muito pelo contrário: não é raro aparecerem como promessas para que essa etapa da vida não seja um fardo, nem para o velho, nem para a família, nem para o Estado. Não por acaso, a indústria tecnológica tem investido quantias significantes para inovar na produção de dispositivos voltados para essa crescente fatia do mercado.⁴ A cada feira,⁵ novos produtos eletrônicos são anunciados para acompanhar os idosos em suas rotinas, auxiliar nas tarefas cotidianas, controlar seus fluidos, observar permanentemente o ritmo de seus batimentos cardíacos e, a partir de combinações algorítmicas, trabalhar na prevenção de situações de riscos a evitar. Combinando procedimentos de monitoramento *online* “em tempo real” a modos inovadores de coleta e mineração de dados que funcionam alimentando sistemas preditivos e antecipatórios,⁶ a vigilância contemporânea promete ser um elemento imprescindível para que, finalmente, os idosos possam ter a vida desejada – livre, dinâmica, conectada e independente.

⁴ “Soluções integradas, tecnologia e projetos inovadores para o mercado de segurança brasileiro serão apresentados durante a 14ª Feira e Conferência Internacional de Segurança (ISC Brasil). [...]. A expectativa é que o evento movimente aproximadamente R\$ 800 milhões em negócios.” Recuperado em 18/06/2019 de <http://bit.ly/31p5aKO>.

⁵ Quanto à vigilância dos idosos, a edição de 2019 da Consumer Electronic Show, feira internacional do mercado de tecnologias eletrônicas, apresentou diversos produtos referentes ao cuidado e monitoramento desse grupo (TAKAHASHI, 2019).

⁶ Chamamos aqui de sistemas antecipatórios aqueles entendidos por Miller (2018) como “ferramentas de previsão”, “premissas antecipatórias” que deverão, segundo especialistas de diversas áreas, balizar tomadas de decisão no presente por meio de um conjunto de projeções e predições do que poderá acontecer no futuro.

Plataformas de inteligência artificial, como o CarePredict, asseguram que, através de sensores leves e vestíveis, projetados especialmente para idosos, é possível controlar suas vidas de forma discreta e contínua: como bebem, comem, caminham, se fumam, de que maneira se arrumam, a frequência com que vão ao banheiro, se tomam banho ou o tempo que dormem.⁷ Aliás, prometem muito mais: garantem que podem identificar desvios de padrões de comportamento saudáveis, sintomas de autonegligência, indicativos de depressão, atividades inadequadas de higiene bucal, sinais de infecção do trato urinário ou até mesmo indicar o aumento do risco de queda devido à desnutrição, a alterações dos níveis de descanso ou simplesmente por desidratação.⁸ Trata-se de monitorar – em nome da segurança e da saúde – cada vez mais o maior número de atividades, não apenas aquelas pretensamente inadequadas para a rotina do velho, possivelmente perigosas ou sinais decorrentes de alguma crise, *“como deitar-se no chão em vez de no sofá”* (MEDGADJET, 2019).

Além delas, também as atividades básicas que todos nós realizamos são comparadas a padrões de linguagem corporal, a *“níveis recomendados de ingestão de líquido, exercício, sono e outras atividades”* (MEDGADJET, 2019). Trata-se de aparelhos e sistemas dos mais diversos tipos que devem estar a todo tempo prevendo situações arriscadas e emitindo alertas para evitar o perigo, capazes, por exemplo, de rastrear – como faz o DFree⁹ – a progressão dos movimentos da bexiga e as alterações de seu tamanho, prevendo os intervalos de micção e enviando avisos para que o idoso chegue a tempo ao banheiro. Mais do que isso, são tecnologias que prometem maior eficiência no cuidado do que aquele realizado pelos humanos, podendo inclusive atenuar – de forma bastante prática – um dos principais problemas de uma população envelhecida: a solidão. Assim, nesse novo arsenal tecnológico voltado para o zelo com a velhice, não poderiam faltar os pequenos e simpáticos robôs. Invenções como ElliQ¹⁰ e Samsung Bot Care,¹¹ são cuidadores-robôs para idosos que moram

7 Segundo a propaganda da empresa que o fabrica, o Carepredict Home é a “a solução para pais e avós em qualquer parte do mundo que queiram envelhecer no conforto da sua própria casa de uma forma segura, inteligente e sustentável. Ao mesmo tempo, possibilita aos membros da família visibilidade constante, acesso inigualável às informações sobre a evolução da saúde de seus entes queridos. Permite também que eles tomem as decisões certas com antecedência.” Recuperado de <http://bit.ly/2WA0pdS> em 18/06/19.

8 Além do Carepredict, podemos citar também o Man Down Detector, espécie de smartcamera calibrada para identificar comportamentos fora de um padrão estabelecido e enviar alertas para cuidadores e parentes do idosos que vigia (MEDGADJET, 2019).

9 Recuperado de <https://dfree.biz/en/> em 18/06/2019.

10 Recuperado de <https://elliq.com/> em 18/06/2019.

11 Recuperado de <http://bit.ly/2MMLuNC> em 18/06/2019.

sozinhos – capazes de reconhecer as vozes de seus donos, tocar suas músicas preferidas ou exibir fotografias do álbum de família.

A vigilância contemporânea do idoso, no entanto, vai muito além do âmbito da saúde. Os “olhares” ininterruptos dos algoritmos são incansáveis também quando os velhos compram, pesquisam ou se relacionam em redes sociais. Não por acaso, dados de buscas e rastros de compras dessa faixa etária integraram o relatório gerado pela Google, em 2019.¹² Cruzando dados internacionais da OMS, informações brasileiras produzidas pelo IBGE, além de seus próprios dados internos, o relatório do Google constata que a população idosa não só vai se tornar maioria, como será cada vez mais conectada, tendo interesses e hábitos de consumo plurais. Como observam, ser um mundo em envelhecimento não é mais mera perspectiva futura. Nesse sentido, diferente de outros momentos históricos em que ser velho supunha certo distanciamento social, período de descanso ou recolhimento,¹³ os idosos contemporâneos têm, ao mesmo tempo, a liberdade e o dever de estar integrados ao mundo, sobretudo, do consumo, engrossando as fileiras de cidadãos permanentemente monitorados. Aliás, a recomendação dos analistas do Google é que as marcas olhem os idosos com uma visão rejuvenescida: *“Tendo o seu futuro expandido, a população sênior está mais ativa, mais saudável, consome mais e está mais conectada do que nunca com o seu mundo (...) entender e integrar essas pessoas é algo que cabe a todos – indivíduos, empresas, agências e marcas”* (MACEIRA, CALIXTO, 2019).

De fato, trata-se de uma ampliação tanto dos procedimentos de vigilância no âmbito da velhice quanto dos motivos que os legitimam. Mais do que isso, trata-se de um amplo deslocamento das relações entre velhice e vigilância, dos seus sentidos e efeitos. Deslocamento que opera participando de novas configurações do próprio conceito de velhice, criando outros significados, potências e limites do que é ser velho hoje. Assim, não se trata apenas da generalização das máquinas de ver, mas da generalização de máquinas que, ao tornar visíveis (ou invisíveis) certos gestos, acabam também por falar acerca deles. O que (e como) se vê está organizado, nessa vigilância,¹⁴ com base em determinadas grades de inteligibilidade, em modelos e parâmetros, sendo, portanto, produto e produtor de certos regimes de verdade que não se referem apenas aos corpos e subjetividades que

¹² Recuperado de <http://bit.ly/2VMMLYE> em 18/06/2019.

¹³ Segundo Ariès (1986: 48), a França antiga por exemplo “não respeitava velhice: era a idade do recolhimento, dos livros, da devoção e da caduquice”.

¹⁴ Mais sobre os aspectos da vigilância contemporânea, ver Bruno (2013) e Lyon (1994).

já foram “tomados” pelo envelhecimento. Tal diagrama opera igualmente quando a velhice é ainda mera expectativa, quando é somente destino. Como veremos neste artigo, trata-se de tornar o processo de envelhecimento – suas diversas fases e seus efeitos – um eterno alvo de monitoramento, minucioso e digital. Algo que se realiza num movimento contínuo de antecipação do futuro, transformando a própria velhice em crescente fator de risco, tanto individual como social.

Da casa dos pobres à *smarthouse*: quando a velhice passa a ser sua responsabilidade

*“Eu não sei como você deveria se sentir com 86 anos,
Mas eu não acho que eu me sinto com 86.”
Filme Um lugar melhor (2017)¹⁵*

Segundo as estatísticas divulgadas pela OMS, muito em breve, mais precisamente em 2020, o número de pessoas com 60 anos (ou mais) no mundo ultrapassará o número de crianças menores de 5 anos. Sendo crescente o ritmo de envelhecimento da população, entre 2015 e 2050, a proporção da população mundial com mais de 60 anos praticamente dobrará de 12% para 22%.¹⁶ Não é coincidência, portanto, que a Google defenda que “é hora de aposentar o conceito de velho”, título de um dos seus relatórios, divulgado este ano (MACEIRA, CALIXTO, 2019), em que seus consultores analisam as tendências de consumo, mudanças de comportamento dos usuários e oferecem “*insights* valiosos” àqueles que caçam oportunidades no mercado voraz e inovador. Segundo a empresa, a cada três buscas relacionadas ao termo bengala, existem atualmente duas outras relacionadas a celular para idoso, o que demonstraria o quanto a velhice contemporânea não é mais o que costumava ser. Nessa perspectiva, coletar e analisar seus atuais (e plurais) perfis de compra, nacional e internacionalmente, configura-se como uma espécie de urgência do mercado.

De fato, o ganho da longevidade, da autonomia, da mobilidade, da independência, da vida ativa e saudável estendida até os últimos momentos de vida convertem-se em desejos e verdades inéditas para a velhice, que a afastam – cada vez mais – dos sentimentos que tradicionalmente a caracterizavam, pelo menos no mundo ocidental. Com efeito, entre novas liberdades e novas submissões, ser velho no contemporâneo ganha contornos próprios – configurações que se entrelaçam de modo estreito com as novas tecnologias da imagem, tanto aquelas que servem às

¹⁵ Recuperado de <http://bit.ly/2wSmcCX> em 18/09/2019.

¹⁶ Recuperado de <http://bit.ly/2KXOowl> em 18/06/2019.

dinâmicas do espetáculo (DEBORD, 1997) quanto as que mais diretamente aparecem ligadas à vigilância. Aliás, pelo menos desde a Modernidade, vigilância e velhice funcionaram como dispositivos complementares numa engrenagem organizada para o controle, racionalização das forças e normatização dos indivíduos e da população. A idade não como mera etapa da vida, mas como uma etapa repleta de funções sociais, como um problema *de governo de si e dos outros*, aparece exatamente na sobreposição das tecnologias disciplinares (aquelas centradas especialmente no corpo individual) às tecnologias do biopoder (aquelas que irão se dirigir ao homem como espécie). Nesse sentido, tratamos da emergência de um certo sentimento moderno de velhice; sentimento que se apoia na idade como um marcador regulatório de sujeitos, como um contorno específico de corpos e subjetividades. Algo que não pôde se instalar sem que a vigilância estivesse trabalhando minuciosamente na exigência de todo um arsenal de técnicas de autorregulação (autoconhecimento, autocontrole e vigília de si) e regulação da população (com todos os saberes especializados que isso pressupôs). Como indica Sais (2011: 53), desde o século XVIII, com o advento das novas tecnologias do poder, a arte de aprender a ser (de acordo com uma determinada idade) tornou-se parte das estratégias e táticas da arte de *aprender a ser*: ser criança, ser adolescente, ser adulto e finalmente ser velho.

O envelhecimento, portanto, passou a ser um problema populacional já desde a Modernidade, objeto de gestão de uma racionalidade de governo: ele era, como a doença, a morte permanente que se introduzia sorrateiramente na vida, a corroendo perpetuamente, a diminuindo e a enfraquecendo, como tratou Foucault (1999a). Assim, o indivíduo que cai para fora do campo da atividade, que está fraco ou enfermo, torna-se parte fundamental do campo de intervenção da biopolítica – intervenção que deveria pôr (ou tirar) indivíduos de circuito, neutralizá-los ou não, colocá-los não apenas em instituições de assistência, mas também submetidos a “mecanismos mais sutis, mais racionais, de seguros, poupança individual e coletiva, de seguridade” (Foucault, 1999a: 291). Como bem analisa Sais (2011: 69), a velhice se constitui como *dispositivo* importante do biopoder, elemento estruturante nas estratégias, táticas e procedimentos de segurança no campo da razão de Estado.

Assim, os velhos modernos, sobretudo os velhos pobres – quando seus corpos já fossem improdutivos – deveriam estar internados nas tradicionais casas de pobres ou *workhouses*. Nesses espaços, havia – como em outras instituições de confinamento – controle minucioso das distribuições dos corpos, dos horários das atividades, da dietética das alimentações; análise,

avaliação, controle e categorização do corpo velho a partir de sua capacidade (ou falta dela) produtiva. Cabe aqui ressaltar que, nessas casas, as classificações e distribuições em seus espaços, integram técnicas que se generalizam e ganham, na modernidade, campos crescentemente mais vastos, como se tentassem cobrir todo o corpo social, efetivando táticas destinadas à reforma do indivíduo (FOUCAULT, 1999b). Como as turmas classificadas por idade nas escolas, os doentes distribuídos em alas nos hospitais, os pobres e velhos também são encaixados em categorias e colocados em espaços devidamente distribuídos e vigiados.

Aliás, como indica Peixoto (1998), a velhice do trabalhador moderno estava vinculada, sobretudo, à invalidez ou incapacidade de produzir. Não por acaso, essa etapa da vida aparece fortemente no discurso médico moderno – principalmente na emergência da geriatria – como uma etapa de declínio, desencadeadora consequente do sentimento de dependência. Como aponta Katz (1996), o discurso da senescência colocou o corpo velho em um dilema: não importando quão saudável estivesse, esse corpo seria sempre examinado a partir de um conjunto de sinais vistos como patológicos, sinais característicos da velhice, que os separavam dos corpos de outras categorias de idade.

Em 1834, por exemplo, nos relatórios britânicos oficiais que reportavam o funcionamento da lei dos pobres, os velhos, doentes e “impotentes” constituíam uma mesma classe que, no entanto, se diferenciava de outras três: a das crianças, a das fêmeas saudáveis e a dos machos fisicamente aptos (THE ROYAL SOCIETY OF HEALTH, 1834: 306). Como reporta o relatório, as separações dos internos, a partir desse sistema classificatório, eram tomadas como imprescindíveis para o funcionamento das instituições inglesas e, em consequência, para a aplicação efetiva das leis. Aqui, cabe ressaltar, a vigilância não é coadjuvante, ela garante tal ordem classificatória, colocando em prática a perspectiva médica que funciona como baliza entre o corpo saudável e o corpo em declínio, o corpo utilizável e o corpo não “apto”.¹⁷ Trata-se de um conjunto de saberes e práticas instituídos não somente pelo olhar médico, mas também pela lei ou pelo estabelecimento de sistemas de pensões que formulavam “tecnologias de diferenciação” (KATZ, 1996) – algo que está no bojo desse tipo de velhice que emerge na modernidade: velhice que se caracteriza não apenas pelo declínio do corpo e

¹⁷ Importante lembrar que as imagens da indiscernibilidade da velhice entre o fisiológico e o patológico caracterizam a classificação médica dessa etapa da vida na modernidade. É difícil distinguir quando se fala em uma velhice doente ou quando a própria velhice é a doença por si só.

pela dependência, mas sobretudo pelo fato de ser uma espécie de estágio fixo e não maleável da vida, ou melhor, estágio de fim da vida.

No mundo contemporâneo, entretanto, a velhice ganha outras descrições, outras imagens. Mais do que um *estágio* da vida, ela é narrada (e provavelmente sentida) mais como um *estado* do sujeito. Se o corpo velho da modernidade estava enclausurado no corpo curvado, atrelado às descrições médicas de sua decadência, confinado e vigiado nas instituições panópticas de seu tempo, o corpo velho contemporâneo está submetido a outras exigências e a outras vigilâncias. Não por acaso, as imagens que o descrevem parecem mais compatíveis com a figura do corpo ereto,¹⁸ com a rapidez dos dispositivos eletrônicos, com a autoadministração e autogerência de suas bioidentidades.¹⁹ De certo, nessa transição, o sujeito contemporâneo conquistou novas liberdades – nossa decadência não mais se inicia aos 30, como nos tempos balzaquianos; se vivemos mais, também as fronteiras parecem mais diluídas entre sermos (ou não mais) jovens. Ampliamos nossas possibilidades sexuais, nosso campo de atividade profissional, a possibilidade de viver de modo mais independente por mais tempo. Quando, entretanto, ganhamos mais tempo, outras sujeições passaram a ser postas em jogo. A imagem do velho ativo, conectado e monitorado digitalmente é, portanto, a corporificação de um processo complexo, que implica novas subjetividades e também outras colonizações.

Quando tratamos de uma narrativa hegemônica acerca da velhice, não estamos tratando da velhice em sua totalidade, nem em sua pluralidade. Em todos os momentos históricos, muitas velhices paralelas são de fato vividas e narradas. No entanto, tratamos aqui da configuração de sentidos hegemônicos da velhice contemporânea naquilo em que ela se relaciona com os diagramas atuais de vigilância. Nessa perspectiva, não se trata mais de uma velhice exatamente confinada e vigiada pelo Estado; isolada num estágio natural e decadente da vida. Trata-se de uma velhice cada vez mais “jovial”, flexível, autônoma, independente, atualizada, conectada e, como mencionamos na introdução deste artigo, monitorada permanentemente por máquinas inteligentes. Nessa discursividade dominante, os velhos de sucesso deveriam ser como Jim, personagem idoso do filme

18 Similar ao novo pictograma aprovado para representar a população acima de 60 anos no Brasil (SENADO NOTÍCIAS, 2018).

19 Para Ortega (2008), o corpo, na contemporaneidade, possui autorreflexividade que em outros tempos correspondia à alma, sendo as bioasceses – os cuidados com saúde, procedimentos corporais e estéticos, manuais de saúde, terapia – as práticas direcionadas à busca de uma subjetividade que se efetiva externamente nesse corpo possuidor da marca identitária do sujeito contemporâneo.

*Um lugar melhor.*²⁰ O protagonista escolhe morar sozinho exatamente porque as tecnologias lhe permitem “ser quem é” – em vez de ir para algum asilo ou ficar dependente de algum familiar. “Chamo isso aqui de minha casa inteligente. Temos sensores em todos os lugares. Eu os engulo. Eu os visto (risos),” diz o personagem referindo-se aos sensores que o monitoram permanentemente em seus movimentos pela casa. São as tecnologias que o cercam, que o observam constantemente, que lhe possibilitam segurança, que lhe garantem mobilidade, que o tornam autônomo na gerência de sua própria vida. São as tecnologias que, enfim, aparecem aqui como o motivo pelo qual “*ele não se sente perto das nove décadas de vida*”.

Como se sabe, embora os ganhos a mais de vida sejam resultado dos avanços da medicina e fruto de lutas por direitos sociais, a valorização da autonomia está, como analisa Ortega (2008), ligada à desmontagem de um Estado provedor de assistência, que trata a dependência com desconfiança e promove no indivíduo uma noção de responsabilidade por sua saúde. Essa desmontagem faz daqueles que não cuidam de si os novos desviantes, muitas vezes convertidos em ameaça para o futuro da população. Para Dardot, Laval (2016), a racionalidade neoliberal que rege as práticas e relações da atualidade insere em nossas dinâmicas sociais a privatização das condutas e responsabilização individual. E, se nessa nova racionalidade social, a concorrência e o modelo empresa são a metáfora maior de nossas relações, também nossas escolhas e planejamentos passam a ser regidos por dinâmicas de custo/benefício, investimento/retorno e crenças como a meritocracia. De fato, a opção por uma “casa inteligente” não faz parte das possibilidades de boa parte da população que ainda necessita dos direitos básicos oferecidos pelos sistemas públicos de saúde e de seguridade social, duramente conquistados. No entanto, ela pode ser pensada como imagem exemplar de um imaginário que torna o *ser velho* uma responsabilização individual, um estado de espírito (ou, para pensar mais contemporaneamente, um jeito de se comportar); uma ideia maleável e administrável, um jeito que pode (e deve) ser trabalhado por todos nós. Algo que não poderia estar sendo configurado sem a participação das tecnologias de vigilância: elas se tornam fundamentais no processo de gestão de si dos idosos, de sua saúde, de sua rotina, de sua independência.

²⁰ O filme criado pela CableLabs, espécie de “incubadora” de novas tecnologias eletrônicas e digitais, retrata como será a vida bem-sucedida dos idosos num “futuro próximo”. Recuperado em 14/06/2019 de <http://bit.ly/2wSmcCX>.

O futuro e o envelhecimento: vigiando ameaças e governando condutas

*Você tem ideia das dificuldades que um idoso
experimenta ao realizar tarefas cotidianas?
Você tem ideia do que esperar em seu próprio futuro?*

Senior Suit, simulador de envelhecimento²¹

“Você sabe como é ser velho?”, perguntam os desenvolvedores do Senior Suit. O terno da velhice – ou vestimenta do envelhecimento – promete simular, naqueles que o vestirem, a experiência de envelhecer. Óculos especiais fazem diminuir a acuidade visual, bandagens limitam a mobilidade, cápsulas de ouvido diminuem a compreensão da fala; esses são alguns dos mecanismos que permitem ao Senior Suit oferecer a possibilidade de envelhecer 40 anos em “cinco minutos”. Segundo seus criadores, o propósito maior do desenvolvimento da vestimenta é sua utilização na sensibilização e desenvolvimento de empatia naqueles que trabalham com idosos: para que equipes de hospitais e clínicas ou estudantes de medicina e enfermagem experimentem em si como é envelhecer.

Promover certos comportamentos de prevenção e cuidado também é a proposta da empresa Change My Face.²² Para seus criadores, usar previsões do futuro é um dos diferenciais de seus modelos de aplicativos. Orgulhosa de seu “*software* de envelhecimento e estilo de vida”, a Change My Face desenvolveu aplicativos para estar à frente de campanhas educativas de saúde, de centros de ciências, bem como para recursos humanos e para o setor de finanças e pensões, apresentando sempre a proposta de expor na tela do celular as consequências que as escolhas do presente podem gerar para os usuários. De acordo com a empresa, “ver-se com os efeitos de diferentes estilos de vida, como fumar, beber ou curtir ou apenas vislumbrar anos no futuro, pode realmente transmitir uma poderosa mensagem visual”.²³

Importante destacar que, “presentificando”o futuro, tais tecnologias participam da produção de uma realidade em que as previsões do porvir tornam-se parte fundamental, determinando e limitando, muitas vezes, o que vivemos no agora. Trata-se, portanto, de um pretense controle do futuro. Mais

²¹ Recuperado em 09/06/2019 de <http://bit.ly/2XzWfUv>.

²² Recuperado em 09/06/2019 de <http://bit.ly/2WRI5Ck>.

²³ Trechos da descrição dos aplicativos desenvolvidos pela empresa. Recuperado em 09/06/2019 de <http://bit.ly/2WRI5Ck>.

ainda: de uma vigilância não apenas justificada pelas imagens do futuro, mas também efetivada por elas. Nessa perspectiva, o impacto e o “poder” da mensagem visual de que falam os idealizados da Change My Face parecem ser sintomas de uma atualidade que transforma e se conforma pela imagem, na qual as relações e as experiências se estabelecem por meio de superabundância e predominância imagética (SANZ, 2015). Imagens que ultrapassam limites temporais, já que falam e fazem falar sobre algo que ainda não aconteceu, mas que, projetado nas telas dos celulares, é então presentificado, vivido como atual. Nesse processo, a velhice – sua face enrugada e suas articulações enfraquecidas – se consolida como risco a ser ao máximo postergado pelos indivíduos.

Não por acaso, um aplicativo da Change My Face “inclui uma calculadora de pensão e uma ferramenta de envelhecimento para visualizar o quanto você pode envelhecer de acordo com o quanto você economiza ao longo da vida”.²⁴ Trata-se não simplesmente do uso da força e da autoridade, mas de uma operação a partir de um conjunto de mecanismos que permite exercer certa governamentalidade, sobre os governos de si ou dos outros. Como percebeu Foucault, governar é conduzir condutas, atuar no espaço de ação dos outros. Pertencendo a uma maquinaria de governança de condutas, os *softwares* aqui exemplificados executam papel importante na condução de ações, nas escolhas, no modo de tomar decisões, além de produzir outras concepções para a velhice. Nesse sentido, os algoritmos desempenham um papel fundamental como parte da estrutura de funcionamento de *softwares* como os da Change My Face ou os que alimentam os circuitos de buscas do Google. Definidos como “rotinas logicamente encadeadas” ou como “*um conjunto de instruções introduzidos em uma máquina para resolver um problema bem definido*” (SILVEIRA 2017: 268), não são mero instrumentos imparciais ou neutros. Ao contrário, o desenho dos algoritmos pressupõe certos objetivos estratégicos, desenvolve-se com um fim e espera respostas e condutas como resultado da combinação de comandos e dados nele inseridos. No caso da “calculadora de pensão”, a proposta é alertar o usuário para o resultado que poderá colher na velhice, caso não esteja preparado para seu futuro financeiro. Segundo o aplicativo, “você pode ver-se aposentado, pior ou melhor, dependendo de quanto economiza; ou ver com qual idade poderá aposentar-se dependendo de quanto está economizando”. Funcionando em uma dinâmica de previsão e simulação, os algoritmos desses aplicativos governam condutas no agora, posto que os resultados

²⁴ Ver mais exemplos em <https://changemyface.com/>, recuperado em 18/06/2019.

futuros apresentados conduzem as ações possíveis na tentativa de escapar da predição oferecida na tela do celular.

De certo, não é menos importante o papel da experiência que estabelecemos com o tempo do porvir, nem no diagrama da vigilância contemporânea, nem na governamentalidade para a qual ela trabalha. Atuando como um dos princípios reguladores desse tempo, a antecipação age por processos especulativos, legitimada por saberes das tecnociências, emergentes de um contexto de saturação atuarial (ADAMS, MURPHY, CLARKE, 2009). Aplicativos como os da Change My Face são lançados a todo momento, com novos tipos de algoritmos e técnicas capazes de prever resultados de investimentos financeiros, idade provável do surgimento de enfermidades ou partes do corpo mais vulneráveis ao enrugamento.

Essa antecipação – tornada crescentemente palpável pelas imagens das tecnociências – se alastra em muitos níveis da contemporaneidade, sendo uma espécie de *cultura, a cultura* da antecipação, que, chancelada por especialistas de áreas distintas, configura-se como o modo mais seguro de administrar a vida e seus perigos. Nesse sentido, assim como os valores financeiros do câmbio ou a relevância comercial das grandes empresas, nosso futuro, nossas ambições e planejamentos também ganham contornos especulativos, baseados em ações antecipatórias que orientam e direcionam nossas condutas no presente (Sanz, Pessoa, em submissão). A simulação do Senior Suit faz experimentar hoje o que será o futuro das articulações físicas e, além de treinar os profissionais que lidarão com os idosos acometidos pelas falhas corporais, preparam os jovens para o que “esperar do seu futuro”.²⁵

Mesmo no caso dos diagnósticos médicos, antes firmados em sintomas manifestados nos corpos, percebem-se os efeitos dessa mudança que “utiliza” cada vez mais o futuro como referência para tomadas de decisões no presente. A empresa britânica 23andMe²⁶ oferece aos clientes, por 149 libras, a possibilidade de escanear seu DNA e conhecer as chances de desenvolver enfermidades como Alzheimer: os “relatórios de predisposição de saúde fornecem informações sobre se você carrega marcadores genéticos que podem influenciar suas chances de desenvolver certas condições de saúde” e, embora enfatizando que “não são diagnósticos”, esclarecem que “fatores como estilo

²⁵ Recuperado em 10/06/2019 de <https://senior-suit.com/>.

²⁶ Sobre o exame, ver mais em <http://bit.ly/2WtIrcM>, recuperado em 09/06/2019.

de vida, meio ambiente e marcadores genéticos não cobertos por este teste também podem desempenhar um papel”, permitindo “que você seja o seu melhor defensor”. Parece que aprender a ler as tendências, como prometem os relatórios da 23andMe, do Think With Google ou os filmes produzidos pela CableLabs, torna-se vantagem significativa na contemporaneidade. Um passo à frente na corrida meritocrática pelo sucesso parece estar mais e mais entrelaçado à habilidade de conhecer o porvir, utilizando-o a seu favor, adaptando-se constantemente e minimizando todas as possibilidades de riscos futuros.

Como podemos perceber, outra característica que se articula diretamente à antecipação é a busca de segurança. O futuro aqui previsto, diferente daquele pensado para construção do progresso na modernidade – necessariamente diferente e melhor (KOSELLECK, 2006) –, tem como um de seus reguladores muito menos o desejo coletivo de construir outro lugar, melhor do que o agora vivido, e muito mais a necessidade de minimizar os riscos que o futuro pode carregar. Os perigos, portanto, encontram-se incubados no presente, no qual, sem alguma forma de ação, um limiar será cruzado, e o futuro do desastre virá. Nesse contexto, o medo torna-se motor do governo de condutas e ilumina o que merece ser selecionado nessa preparação para a velhice. Mais do que rugas do envelhecimento, a imagem no celular focaliza o medo de que esse futuro se concretize. Por medo de tornar “real” a velhice retratada na tela, fazemos as escolhas de hoje com base no que poderá nos tornar o velho do qual queremos nos afastar. Desse modo, o medo do aumento da população idosa, da dependência financeira no fim da vida, das doenças da velhice converte-se em imagens que mostram como a preocupação com o que trará o futuro é parte fundamental de nossas prioridades e planejamento de vida.

Assim, em uma dinâmica própria articulada com a busca de segurança da vida, da saúde, das finanças, do mercado ou do planeta, o presente é conformado em um contingente do futuro, um espaço em que são colocadas em pauta as possíveis projeções do que está por vir, que podem ou não acontecer, mas que devem ser de algum modo agenciadas, planejadas, otimizadas. Desse modo, entre os circuitos que legitimam a vigilância atual, a busca por segurança faz com que nos ofereçamos cada vez mais ao escrutínio de nossa saúde, de nossa pele, de nossas finanças, de nosso futuro. A segurança de ser independente, de manter a pele saudável, de saber como evitar a perda de mobilidade aparece nas imagens de uma velhice contemporânea que tenta escapar às ameaças do amanhã.

Breves conclusões

Por último, cabe ainda apontar como, implicitamente, certo tipo de velhice (aquela menos autônoma, menos eficiente, menos conectada, menos ativa) só parece ganhar visibilidade na contemporaneidade quando serve à narrativa do risco, do medo e do alerta, passando a estampar a imagem do que não desejamos e, concomitantemente, alimentando a imagem ideal (e monitorada) da velhice que deveríamos alcançar individualmente quando chegarmos ao fim da vida. É assim que a falta de mobilidade simulada pelo Senior Suit, os rostos enrugados do Change My face e a velhice da dependência financeira recebem luz nos circuitos de comunicação.

Nesse processo, nossa atualidade figura modos muito próprios de vigiar e governar condutas: na dinâmica atual, todos somos potenciais alvos, não apenas os confinados. Trata-se hoje de uma vigilância designada – entre outros fatores – a partir da indeterminação da natureza daqueles que observa, fazendo de todos nós alvos de monitoramento e, possivelmente, objetos de suspeita (BRUNO, 2013; LYON, 1994). Mais que isso, trata-se de uma expansão espaço-temporal da vigilância que opera também sobre a velhice, posto que nem os espaços são exatamente restritos, nem mesmo o tempo da vigilância se limita ao presente. O futuro – antes mesmo de se efetivar – está, cada vez mais, monitorado digitalmente, perdendo – nesse processo – sua alteridade e suas dimensões virtuais. Desse modo, simultaneamente às imagens desenhadas daquilo que se espera da velhice (administrável) da atualidade e enfeitadas pelas “alegrias do marketing” (DELEUZE, 1992), outra velhice também emerge diante de nós, aquela que tentamos desviar a cada gesto de antecipação, simulação e projeção dos riscos diante dos nossos olhos.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, PHILIPPE. (1986). **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- ADAMS, V.; MURPHY, M.; CLARKE, A. E. (2009) **Anticipation : Technoscience, life, affect, temporality**. *Subjectivity*, 28, p. 246-265.
- BRUNO, F. (2013). **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulinas.
- CAMPBELL, C. (2019, fevereiro 7). **China's aging population is a major threat to its future**. *The New York Times*. Recuperado em 17/06/2019 de <http://bit.ly/2QMR800>.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. (2016). **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo, SP: Boitempo.
- DEBORD, G. (1997). **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.

- DELEUZE, G. (1992). **Conversações**. São Paulo, SP: Ed. 34.
- FOUCAULT, M. (1999a). **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- FOUCAULT, M. (1999b). **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- KATZ, S. (1996). **Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge**. Charlottesville, VA/London, UK: University Press of Virginia.
- KOSSELCK, R. (2006). **Futuro passado: contribuição semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro, RJ: PUC.
- LYON, D. (1994). **The electronic eye: the rise of surveillance society**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- MACEIRA, R.; CALIXTO, N. (2019, março). **É hora de aposentar seu conceito de "velho": dados e insights sobre os seniores do Brasil**. Think with Google. Recuperado em 18/06/2019 de <http://bit.ly/2VMMLYE>.
- MEDGADJET (2019, janeiro 18). Kepler vision technologies monitors elderly at home: CES 2019. **Medgadjet**. Recuperado em 18/06/2019 de <http://bit.ly/31Y5uA>.
- MILLER, R. (2018). **Transforming the future: anticipation in the 21st Century**. Paris, FR: Unesco Publishing.
- ORTEGA, F. (2008). **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- PEIXOTO, C. (1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M.L.de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro, RJ: FGV, p. 69-84.
- SAIS, A. P. (2011). **Dispositivo de velhice: uma analítica interpretativa**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- SANZ, C.L.; PESSOA, M. (em submissão). **Imagens do futuro: antecipação, risco e responsabilização na gerência neoliberal do amanhã**.
- SANZ, C. L. (2015). A fábula da câmera invisível na escola e o regime contemporâneo de imagens. **Revista Eco-Pós**, 18, p. 119-133.
- SENADO NOTÍCIAS. (2018, abril 25). **Símbolo para identificação de idoso não pode ser pejorativo, prevê projeto aprovado na CDH**. Senado Notícias. Recuperado 18/06/2019 de <https://bit.ly/2uj7Tpg>.
- SILVEIRA, S. A. (2017). Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**, 21(1), p. 267-282.
- TAKAHASHI, D. (2019, janeiro 15). Tech companies finally care about helping older people. **Venture Beat**. Recuperado em 18/06/2019 de <http://bit.ly/2KEnPfN>.
- THE ROYAL SOCIETY OF HEALTH. (1834). **The administration and practical operation of the poor laws**. Published by Authority. London, UK: B. Fellowes, Ludgate street. Recuperado em 17/06/2019 de <http://bit.ly/2KH05rj>.